


## MOVIMENTO OPERÁRIO EM ALEGRETE: A PRESENÇA DE IMIGRANTES E ESTRANGEIROS (1897-1929)

## MOVIMIENTO OBRERO EN ALEGRETE: LA PRESENCIA DE INMIGRANTES EXTRANJEROS (1897-1929)

Recebido em: 10/11/2022

Aceito em: 18/01/2023

Anderson Romário Pereira Corrêa<sup>1</sup>   
Universidade Federal do Pampa

**Resumo:** Pretende-se explicar a formação da classe operária em Alegrete. As organizações e lutas operárias na Campanha sul-riograndense, no período da República Velha (1889-1930), ainda não foram suficientemente exploradas pelas pesquisas acadêmicas. Qual a importância dos imigrantes na formação do movimento operário alegretense? Identificou-se a construção de uma “comunidade internacionalista operária” (BILHÃO, 2000) na cidade com as seguintes características: vínculo programático e orgânico com organizações internacionalistas; circulação de órgãos da imprensa operária internacional, presença e participação nos congressos operários, o 1º de Maio e a presença na cidade de militantes internacionalistas. Utilizou-se do método quantitativo com fontes ora seriadas ora organizadas de forma que pudessem produzir informações numéricas (quantificáveis). As principais fontes utilizadas foram Registros de Impostos sobre Indústria e Profissões, Imprensa e Cartoriais. Recorreu-se frequentemente à técnica de análise de conteúdo. Foi possível perceber a presença significativa de imigrantes ou descendentes na base e na direção das entidades operárias da cidade no período. Os imigrantes e seus descendentes possuíam uma maior probabilidade de ocupar funções de direção do movimento operário do que os nacionais. Os descendentes de imigrantes realizavam a “tradução” da cultura internacionalista operária.

**Palavras-chave:** Movimento operário; Imigrantes; Alegrete.

**Resumen:** Se pretende explicar la formación de la clase obrera en Alegrete. Las organizaciones y luchas obreras en la Campaña en Rio Grande do Sul, durante el período de la Antigua República (1889-1930), aún no han sido suficientemente exploradas por la investigación académica. ¿Cuál es la importancia de los inmigrantes en la formación del movimiento obrero en Alegrete? La construcción de una “comunidad obrera internacionalista” (BILHÃO, 2000) fue identificada en la ciudad con las siguientes características: vinculación programática y orgánica con organizaciones internacionalistas; circulación de órganos internacionales de prensa obrera, presencia y participación en congresos obreros, el 1 de mayo y presencia de militantes internacionalistas en la ciudad. El método cuantitativo se utilizó con fuentes, a veces en serie, a veces organizadas para que pudieran producir información numérica (cuantificable). Las principales fuentes utilizadas fueron los Registros Fiscales de Industria y Profesiones, Prensa y Notaría. Se utilizó con frecuencia la técnica del análisis de contenido. Fue posible percibir la presencia significativa de inmigrantes o descendientes en la base y en la dirección de las organizaciones obreras de la ciudad en el período. Los inmigrantes y sus descendientes tenían más probabilidades de ocupar posiciones de liderazgo en el movimiento laboral que los nacionales. Los descendientes de inmigrantes realizaron la “traducción” de la cultura obrera internacionalista.

**Palabras-chaves:** Movimiento laboral; inmigrantes; Alegrete.

---

<sup>1</sup> Professor na Universidade Federal do Pampa. Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em História Ibero Americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: andersoncorrea@unipampa.edu.br

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um resumo da dissertação “Movimento Operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897-1929)”. Tem-se a intenção de comunicar a referida pesquisa. Ao ser observada a historiografia que trata da história do movimento operário no Rio Grande do Sul, aparecem vários indícios da presença de organizações operárias no interior do Estado. Além das notícias que aparecem na imprensa, as organizações operárias do interior estão presentes e representadas nos mais diversos Congressos Operários (PETERSEN, 2004:212S). Portanto, além de Rio Grande e Pelotas, importantes centros do Movimento Operário no final do século XIX e início do século XX, destaca-se a presença de organizações operárias na região da campanha sudoeste: Alegrete, Bagé, Uruguaiana etc. Silvia Petersen relaciona a existência do movimento operário à emergência do ambiente urbano-industrial; porém, manifesta preocupação em estudar como se desenvolve a “formação da classe operária” rio-grandense em cidades como Bagé, Uruguaiana, Cachoeira, entre outras (Idem).

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a presença de imigrantes na formação do movimento operário alegretense, para tal propósito, segue-se os seguintes objetivos específicos: conhecer a relação entre a imigração e organização do movimento operário internacional, conhecer a presença de imigrantes na economia urbana local e, por último, compreender a existência do movimento operário em Alegrete e analisar a presença de imigrantes e estrangeiros.

Metodologicamente faz-se uso da “triangulação”, que segundo Mirian Goldemberg (2003, p. 63), é a utilização de diversas metodologias para o estudo de um determinado fenômeno. Os métodos utilizados são quantitativos e qualitativos, recorrendo-se mais à análise de conteúdo e à comparação empírica (acontecimentos). O método quantitativo pressupõe uma população de dados de estudo comparáveis, sequenciais e seriais. Estas informações podem ser generalizadas. O método qualitativo é apropriado para conhecer como cada indivíduo ou grupo experimenta determinadas situações sociais. O método qualitativo proporciona o estudo de aspectos difíceis de quantificar: motivações, crenças, sentimentos etc. (GOLDEMBERG, 2003, p. 63). Procura-se partir do global para o local, de maneira que seja possível estabelecer tópicos de comparação entre as escalas do global, nacional, regional e local. Procura-se compreender o local pelo global e o global pelo local. Buscam-se generalidades e

especificidades. A comparação deve ser feita em sociedades próximas no tempo e no espaço e que possam exercer influência recíproca (BARROS, 2007, p. 12).

Qual a importância dos imigrantes e estrangeiros na formação do movimento operário alegretense? Para responder a esta problemática, busca-se um conjunto conceitual para dar conta de explicar a ocorrência do movimento operário em Alegrete e que possibilite também explicar a participação ou não de imigrantes e estrangeiros em sua formação.

O movimento operário, no final do século XIX e início do século XX, é caracterizado por um conjunto de ações que podem ser individuais, mas são, principalmente, coletivas; que podem ser esporádicas e espontâneas, mas também podem ser coordenadas, planejadas e institucionalizadas, com o objetivo de alcançar conquistas no sentido de melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores (maiores salários, menos horas de trabalho, assistência econômica e educacional, moradia, etc.) ou a construção de uma cultura e identidade de classe. Estas atividades e objetivos podem ser instrumentalizados a partir de associações, ligas, sindicatos, partidos, jornais, escolas, conferências, meetings, greves, manifestações, etc. (CORRÊA, 2010, p. 19).

Entende-se que o Movimento Operário possui papel de destaque na produção da classe operária. O movimento é produtor e produzido pela classe. Nesta perspectiva, a classe operária faz-se em processo. Uma classe consciente de seus interesses não surge pronta, mas se faz ao seu próprio agir. Este trecho famoso de Thompson ilustra esta afirmação, ao dizer que:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus (THOMPSON, 1987, p. 10).

A “consciência de classe” está sempre em construção e reconstrução, não está nunca pronta e acabada; a identidade “internacionalista operária” é parte constitutiva desta consciência de classe, faz parte de sua formação. Significa dizer que os membros da classe operária se reconhecem como tal em todos os países e formam uma “irmandade”, uma “comunidade internacional” de trabalhadores que lutam e se solidarizam contra a exploração econômica e a opressão política. Bilhão define o

“internacionalismo operário” a partir da circulação de pessoas, textos e ideias. No caso da circulação de pessoas, segundo a pesquisadora, “colaboraram para isso tanto a existência de políticas imigratórias, quanto a mobilidade geográfica de operários e trabalhadores à procura de empregos, assim como a existência de militantes perseguidos pela polícia.” (BILHÃO, 2005, p. 189) A autora utiliza Benedict Anderson, que afirma a importância da escrita e da imprensa na construção das “comunidades imaginadas” no final do século XIX. A imprensa é um importante instrumento na construção da noção de contemporaneidade e simultaneidade (BILHÃO, 2005, p. 181). A noção de contemporaneidade e de solidariedade dos que se organizam e lutam fortalece a construção identitária em diferentes partes do mundo. Para a autora, o “Primeiro de Maio é o mais importante símbolo da identidade internacional dos operários” (BILHÃO, 2005, p. 219). Isabel Bilhão destaca que Eric Hobsbawm afirma a existência de duas formas distintas de difusão do internacionalismo operário: uma entre grupos e indivíduos e outra, na relação entre organizações (programática), ou seja, os trabalhadores passavam a compartilhar lutas em comum (BILHÃO, 2005, p. 200).

### **TRABALHO, IMIGRAÇÃO E MOVIMENTO OPERÁRIO**

Acredita-se que o movimento operário é condicionado pela mobilidade “horizontal” de trabalhadores, por seu deslocamento migratório e por sua mobilização internacional (articulação e ação política institucional e orgânica, assim como pela circulação de militantes de organizações ou independentes). O Capítulo que segue, apresenta uma ideia da imigração econômica e da mobilização dos trabalhadores em diferentes recortes espaciais. Procura-se identificar a ação internacionalista operária na organização e origem do movimento operário internacional.

Eric Hobsbawm escreve um excelente texto demonstrando a capacidade técnica desenvolvida durante o século XIX, que possibilita uma interligação dos diferentes e mais distantes pontos do planeta. Pela riqueza de informação e a capacidade de síntese do autor, reproduz-se o seu texto a seguir:

Por volta de 1872, os meios de comunicação tinham chegado ao triunfo previsto por Julio Verne: a possibilidade de fazer a volta ao mundo em 80 dias, evitando os inúmeros contratemplos que perturbaram o indomável Phileas Fogg. Os leitores podem recordar a rota do imperturbável viajante. Ele foi de trem e barco a vapor,

# CAMINHOS DO PAMPA

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALEGRETE

através da Europa, de Londres a Brindisi, e em seguida de barco, através do recém-aberto Canal de Suez (uma estimativa de sete dias). A viagem de barco de Suez a Bombaim iria tomar-lhe 30 dias. A viagem de trem de Bombaim a Calcutá deveria, se não fosse a falha em completar um trecho do caminho, tomar-lhe três dias. Dali em diante, pelo mar para Hong-Kong, Yokohama e através do Pacífico até São Francisco era um longo caminho de 41 dias. Então, com a estrada de ferro transamericana, que acabava de ser completada em 1869, somente os perigos ainda não completamente dominados, representados pelas hordas de bisões e índios, estavam entre o viajante e uma viagem normal de sete dias para Nova York. O resto da viagem – o Atlântico para atingir Liverpool e o trem para Londres – não teria causado problemas se não fosse a necessidade do suspense ficcional. Aliás, um agente de viagens americano ofereceu uma volta ao mundo similar não muito depois (HOBSBAWM, 1977, p. 71).

Hobsbawm comenta que se estabelece uma intrincada rede da economia internacional, e que esta rede trazia áreas geograficamente mais remotas para ter relações diretas com o resto do mundo. Outro aspecto importante nesse processo é que, durante a segunda metade do século XIX, acontece a “maior migração dos povos na História”. Aconteciam movimentos e mobilidades de homens e mulheres dentro dos países, e de país para país: êxodo rural em direção a cidades, movimentos migratórios entre regiões e de cidade para cidade, o cruzamento do oceano, a penetração por áreas de fronteira (...) (HOBSBAWM, 1977, p. 207).

Para explicar a “Formação da classe operaria inglesa”, E. P. Thompson destaca a imigração irlandesa com um subcapítulo em sua obra. Segundo ele, em 1841, cerca de 400.000 habitantes da Grã-Bretanha haviam nascido na Irlanda. Em Liverpool e Manchester, um quinto da população era irlandesa (20%). Destaca o historiador que não é possível explicar a emigração irlandesa somente por causa da crise econômica, mas se deve considerar, também, as emigrações motivadas por perseguições políticas e ideológicas (THOMPSON, 1987, p. 324). De acordo com Thompson, os imigrantes irlandeses eram os menos qualificados tecnicamente para o trabalho, porém eram os mais rebeldes, amotinados e sublevados, dispostos ao confronto com as autoridades inglesas (THOMPSON, 1987, p. 333). Nas palavras de Thompson: “Os irlandeses eram predispostos a aderirem às associações operárias” (THOMPSON, 1987, p. 341).

Em 28 de setembro de 1864, alguns trabalhadores da maioria dos países da Europa Ocidental uniram-se e formaram a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). A Internacional era composta por várias organizações operárias, em 1833, já havia um princípio de organização entre os trabalhadores, pois neste ano é lançado o “Manifesto

das Classes Produtivas da Grã-Bretanha”, endereçado aos “Governos e Povos da Europa e América do Norte e do Sul”. O relacionamento em vista de fundar uma organização por parte dos militantes operários dá-se muito lentamente, entre 1862 e 1864, apenas alguns núcleos de Paris e de Londres se dedicam a isso diretamente. Em 28 de setembro, é escolhido o “Conselho Central” (GALLO, 2000, p. 58). James Guillaume escreve sobre a fundação da AIT: “A Associação Internacional dos Trabalhadores havia sido fundada em Londres a 28 de setembro de 1864; mas sua organização definitiva e a adoção de seus estatutos dataram de seu primeiro congresso realizado em Genebra, de 3 a 8 de setembro de 1866” (BAKUNIN, 1999, p. 16).

A AIT, além de reunir e congregar os trabalhadores do mundo inteiro, a partir de indivíduos e organizações operárias, também possuía o papel de levar a organização dos trabalhadores aos mais distantes países e lugares. A “Internacional” tornava-se um “centro” propagador de organizações operárias, era propulsora do movimento operário internacional. A Internacional é responsável também por um dos maiores símbolos do internacionalismo proletário, o 1º de maio. Michelle Perrot destaca que, no primeiro congresso da Segunda Internacional, realizado em Paris, em julho de 1889, é “inventado” o 1º de maio. A data é escolhida porque, nos Estados Unidos, os trabalhadores já haviam escolhido o dia do trabalhador e este já havia produzido seus “mártires”. O dia dos trabalhadores “americanos” passa a ser, através da A.I.T., o “Dia Internacional dos Trabalhadores” (PERROT, 1988, p. 129)

Na segunda metade do século XIX, as primeiras organizações do movimento operário brasileiro contavam com a presença de imigrantes articulados ao projeto da AIT. O trecho a seguir, apresentado por Francisco Foot Hardman, demonstra bem este aspecto:

No Brasil, as primeiras tentativas de contato foram feitas da Europa, através de militantes portugueses, em particular pelo escritor Anthero de Quental e por J. Fontana, diretores do jornal lisboeta O Pensamento Social. A seção portuguesa havia sido criada por militantes espanhóis refugiados: Francisco Mora, entre outros, já havia contribuído para a seção argentina. Em julho de 1871, Mora, em relatório ao Conselho Geral da A.I.T., ao falar da nova seção portuguesa, lembrava que ‘seguramente a Internacional se estenderia a outro grande país de língua portuguesa, o Brasil (HARDMAN, 1980, p. 69).

O mesmo autor ainda escreve:

Pode-se afirmar, também com base na documentação disponível, que contatos organizativos entre trabalhadores brasileiros e portugueses eram feitos constantemente, naquele período. No Rio de Janeiro, em particular, em função do peso da migração lusitana, tais tentativas eram bastante antigas. Por exemplo, na renhida luta pelo descanso semanal remunerado, levada a cabo pelos caixeiros do Rio, despontaram como líderes os portugueses Antonio Mathias Pinto Junior e Victoriano Jose de Carvalho, com experiência sindical em seu país de origem, que agitaram a categoria através das páginas de *O Caixeiro* (1873) (HARDMAN, 1980, p. 70).

Depois de demonstrar as possíveis ligações entre o nascente movimento operário brasileiro e a I Internacional (A.I.T.), Francisco F. Hardman apresenta elementos que demonstram a ligação entre o movimento operário brasileiro e a II Internacional: “No Brasil, a análise de dois documentos praticamente inéditos, os relatórios elaborados por núcleos socialistas, 1893 e 1896, enviados ao congresso da II Internacional (...)” (HARDMAN, 1980, p. 75).

Várias são as referências ao internacionalismo em Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas pelos membros do movimento operário destas localidades, assim como por sua entidade estadual, a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). É possível identificar uma articulação programática internacional em vários momentos no decorrer do período da República Velha. No caso da fundação, em 1892, em Porto Alegre, da *Allgemeiner Arbeiter Verein*, que era um instrumento de divulgação e que servia para programar a política dos militantes comprometidos com o programa do Partido Social-Democrata Alemão em Porto Alegre e São Paulo, Silvia Petersen destaca que:

(...) foi a organização que primeiro fez as comemorações do 1º de maio em Porto Alegre, em 1896. Em 1897, a comemoração foi feita com a *Allgemeiner* e a Liga Operária Internacional. Neste 1º de maio, foi lançado o programa do Partido Socialista do Rio Grande do Sul. Entre os signatários, encontram-se integrantes da *Allgemeiner* (PETERSEN, 2001, p. 95).

Isabel Bilhão, ao escrever sobre “Identidade e trabalho” dos operários porto-alegrenses, afirma que as polêmicas da Primeira Internacional ainda ecoavam em Porto Alegre em 1898. Essas divergências entre anarquistas e socialistas acabam por influenciar a organização operária internacional e estão presentes no Primeiro Congresso Operário Rio-grandense (BILHÃO, 2005, p. 178).

## **ALEGRETE: CENÁRIO E MERCADO DE TRABALHO**

De acordo com Vera Barroso (1992:36), desde 1850 até 1900 e início do século XX, era na metade sul (região da pecuária) que se localizava a maioria das cidades rio-grandenses. Ao iniciar a República, em termos populacionais, Alegrete é a quarta cidade da região. No ano de 1920, aparece em sexto lugar. Bagé, Uruguiana e Livramento são as maiores cidades. A cidade de Bagé e Livramento mantêm-se estáveis no período. A cidade que mais cresce é Uruguiana. São Gabriel e Alegrete baixam na colocação em nível regional (CORRÊA, 2010, p. 90).

Em 1890, os 4.526 habitantes da cidade correspondiam a 27,70% da população. Em 1921, os 11.257 habitantes da cidade correspondiam a 36,42% da população. Existe um aumento de 10% na população urbana no período de 30 anos. Sobre a naturalidade dos habitantes, em 1890, os 998 imigrantes correspondiam a 6,10% da população. Em 1921, os 2.420 imigrantes correspondiam a 7,8% da população. Em 1920, o Estado possuía uma população de 2.182.713 habitantes; destes, 151.025 era de imigrantes, o que corresponde a 6,91% da população. A média de estrangeiros na população de Alegrete era superior à média do Estado. (CENSO – FEE, 1981:125)

Em relação a participação de imigrantes na economia urbana de Alegrete (comércio, indústria e profissões), em se tratando de proporcionalidade e em termos percentuais, a presença imigrante varia 16% e 40 %. Há um período de ascensão dos registros no início do século XX, até, aproximadamente, 1909, ano em que ocorre a maior presença relativa (40%), estabilizando-se numa média de 35% no período que vai de 1909 a 1919, e decaindo nos anos subsequentes, com o registro de 16%, em 1926. É possível verificar que a primeira década do século XX é a que apresenta maior participação de nomes estrangeiros na economia urbana alegretense. O ano de 1909 é o ano em que aparece o maior número de registros, incidindo, inclusive, sobre a proporcionalidade (40%). A presença de possíveis imigrantes ou descendentes no quadro dos funcionários públicos municipais não era significativa em termos de números totais; porém, em termos percentuais representa um índice superior à presença imigrante em relação à população total do município no período (CORRÊA, 2010, p. 112).



## **O MOVIMENTO OPERÁRIO EM ALEGRETE: A PRESENÇA DE IMIGRANTES E ESTRANGEIROS**

O movimento operário alegretense é caracterizado por associações, jornais, conferências, meetings, comemorações e protestos no 1º de maio, etc. Atividade que era também importante no movimento operário era a Greve. Em Alegrete, no período em análise, só é encontrado um único registro de Greve, em 1914, por parte dos ferroviários e o motivo era a falta de pagamento. (PETERSEN, 1979, p. 293) Para demonstrar as ideias internacionalistas circulando e sendo produzidas a partir de militantes operários alegretenses, destaca-se um texto produzido sobre o “07 de setembro”, data da Independência do Brasil, momento este em que a nação e o nacionalismo estão pautados nos assuntos do cotidiano. A seguir, transcrevem-se trechos do texto “07 de setembro” publicado em 1899, em Alegrete, pela imprensa operária. Estes fragmentos demonstram o conteúdo da ideia internacionalista sendo difundido entre os operários alegretenses:

Se concordamos que os povos em sua vida econômica sejam independentes na ação que desenvolvem, segundo a climatologia do ponto em que habitam, não queremos com isto dizer que sejamos apologistas desse egoísta e especulativo sentimento de Pátria, calculadamente inculcado no espírito dos povos, pelos interessados em manter o domínio, com o enfraquecimento que produzem as lutas provocadas entre uns e outros e que vêm retardar a evolução natural da consciência do povo (SOCIAL, 1899, p. 01).

Mais adiante, referindo-se aos conceitos de pátria e nação, continua: “A verdadeira fraternidade e igualdade, encarada sob o ponto de vista humano, exclui a concepção dessa entidade abstrata e não conhece esses limites entre povos, limites esses determinados pela exploração” (SOCIAL, 1899, p. 01).

Cláudio Batalha escreve sobre as “Correntes ideológicas e estratégias sindicais”, dizendo que, de 1889 a 1930, prolifera no Brasil uma série de Partidos Socialistas, muitos com duração efêmera e de abrangência municipal. Professavam um socialismo eclético, marcado por um forte viés cientificista e positivista, característico da II Internacional, com uma proximidade simbólica à matriz de Karl Marx. A maioria destes partidos defendia um programa de reformas. Fora os Congressos Socialistas de 1892 e 1902, jamais alcançaram uma unidade duradoura e uma organização nacional única. (BATALHA, 2000, p. 22) Batalha destaca que, a partir de 1890, já ocorriam

# **CAMINHOS DO PAMPA**

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALEGRETE

manifestações da atividade política dos anarquistas no Brasil. Segundo ele, “o ideário comum dos anarquistas passava, entre outros aspectos, pelo antiestatismo, pelo federalismo, pela recusa da luta político-parlamentar, pelo anticlericalismo e pela rejeição de qualquer forma de opressão sobre o indivíduo”( BATALHA, 2000, p. 24) Segundo o autor, outras correntes ideológicas de menor expressão foram o positivismo e o cooperativismo.

No final do século XIX, Eduardo Mallmann escreve no “Social”, em Alegrete, sobre o início do movimento operário nesta cidade: “O início, a arregimentação e a instalação da Sociedade Operária Mútua-Proteção constitui o prólogo da luta de classes iniciada em Alegrete, em 30 de maio em 1897 – por um grupo de jovens operários, todos inspirados socialistas.” (SOCIAL, 1899, p. 01)

IMAGEM 1: Jornal Social



Fonte: APERGS, 1899.

Através dos vestígios e indícios encontrados em várias fontes, é possível identificar a presença de organizações operárias em Alegrete no período da República Velha. Os documentos apontam para a existência de organizações no período que vai de 1897 a

1929. Em junho de 1897, aparece a “Sociedade Operária Mútua Proteção” (ESTATUTO DA MÚTUA PROTEÇÃO, 1897). Em 1905, aparece como Mútua Proteção (GOLDEMBERG, 1993, p. 13) Em 1913, aparece a citação de uma União Operária em Alegrete (PETERSEN, 2001:308) Em 1915, apresenta-se como Centro Operário. (GOLDEMBERG, 1993.p.13) Em 25 de abril de 1925, é fundada a União Operária. Em 1929, aparece novamente o nome do Centro Operário. (GOLDEMBERG, 1993.p.13)

Existem indícios que apontam a circulação da imprensa operária internacional em Alegrete. No mês de abril de 1899, circulava em Alegrete o jornal “La Vanguardia”, órgão do Partido Socialista Operário de Buenos Aires. No mesmo mês, também aparece o “ECHO Operário”, órgão do valente Partido Socialista de Rio Grande (SOCIAL, 1899:04) Em setembro, circula pela cidade o jornal “A Voz do Proletário” e “O Taquariense” (SOCIAL, 1899, p. 02). Em 1905, circula em Alegrete o jornal “A Democracia”, cujo redator era o socialista Francisco Xavier da Costa. Em Alegrete, o representante deste jornal era o 1º secretário da associação operária local, Sr. Francisco Zaccaro (A DEMOCRACIA, 1905, p. 02).

A utilização dos patronímicos de origem imigrante faz parte do método indiciário e que considera aspectos subjetivos e culturais na construção das identidades de imigrantes e seus descendentes. Em relação aos sobrenomes característicos dos membros da “direção” do movimento operário alegretense, são identificados 15 sobrenomes de origem alemã (21,4%) e 09 sobrenomes de origem italiana (12,8%). No total, 34,2% dos nomes que compõem as diretorias do movimento operário possuem patronímicos característicos de imigrantes. Se, na economia urbana, a presença de patronímicos imigrantes (alemães e italianos) apresenta números variáveis entre 16 e 40%, existindo uma média de 35% no período, pode se dizer que a presença de patronímicos de imigrantes na direção do movimento corresponde à participação destes na economia e mercado de trabalho local. Se forem comparados os números da presença de patronímicos de origem imigrante da direção com a “base” do movimento, chega-se à conclusão de que os imigrantes e seus descendentes estavam mais presentes na “direção” (34%) do que na “base” (16%). Os números apresentados, no caso de Alegrete, em relação à presença de patronímicos imigrantes no movimento operário, são inferiores aos de cidades como São Paulo e Porto Alegre. Porém os números locais são parecidos e aproximados aos casos de Pelotas e de Rio Grande.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o período em análise, é possível identificar indícios de elementos que configuravam a construção de uma comunidade internacionalista operária em Alegrete: o vínculo programático e orgânico com organizações internacionalistas (o Partido Social-Democrata da Alemanha, Itália e Portugal – e a Associação Internacional Trabalhadores); a circulação de órgãos da imprensa operária internacional em Alegrete, a presença e participação nos congressos, as conferências e o 1º de maio (Dia Internacional dos Trabalhadores). Entre 1897 e 1929, a presença de patronímicos imigrantes e estrangeiros nas diretorias do movimento operário alegretense girava em torno dos 34 e 50%.

Generalidades: A organização do movimento operário internacional se expressa, também, a partir de pequenos grupos e militantes “internacionalistas”, identificados por vezes com correntes político-ideológicas (socialistas e anarquistas). Agiam em redes de relacionamentos e promoviam congressos, conferências, imprensa operária e uma série de “rituais” como o 1º de maio. Essas experiências disseminavam um discurso articulado e modelos organizacionais. Por outro lado, afirma-se que existem indícios consistentes da presença significativa de imigrantes e estrangeiros na formação do movimento operário devido à presença significativa de patronímicos estrangeiros na composição das diretorias das associações operárias. Existia uma articulação internacional de repressão aos militantes operários internacionalistas. É possível perceber a existência de grupos de militantes que estão presentes nas diretorias de várias associações ao mesmo tempo. Também existem grupos de operários que estão presentes nas associações por um período maior de tempo.

Particularidades: é significativa a presença de artesãos no movimento operário, principalmente, na “diretoria” das associações. As evidências do movimento operário alegretense surgem em momentos em que há uma instabilidade na grande política local e Estadual. Na formação do movimento operário de Alegrete, encontra-se um número significativo de descendentes de imigrantes. A maioria dos elementos com patronímicos estrangeiros era, na verdade, natural da localidade. O movimento operário de Alegrete forma-se da combinação étnica e cultural de “nativos” e descendentes de imigrantes e estrangeiros. Se for ampliado o critério de análise, considerando “mistura étnica” além dos elementos como patronímicos e estrangeiro, somando a estes os casamentos e

parentescos com imigrantes, pode-se dizer que as diretorias das associações operárias de Alegrete possuíam quase a metade de membros relacionados a processos migratórios. No final do século XIX, no início do movimento operário alegretense, aparece um grupo que já possuía uma trajetória política em outros partidos. É nítida a presença recorrente de membros de uma mesma família, no caso, três famílias. A direção do movimento operário era composta significativamente por artesãos, aparecem alguns nomes que faziam parte da “elite” da cidade em determinado momento. Pelos números auferidos, é possível afirmar que havia cinco vezes mais chances de uma pessoa com patronímico imigrante ser membro da direção do movimento operário alegretense do que uma pessoa com patronímico não estrangeiro. Se for considerado o critério ampliado, somando membros das diretorias que possuem patronímicos estrangeiros com aqueles que são aparentados com imigrantes, as probabilidades para os que possuem patronímicos estrangeiros ou são aparentados com imigrantes aumentam, chegando a ter sete vezes mais chances de fazerem parte das diretorias das associações. Como presidentes das associações, os membros com patronímicos imigrantes correspondem à maioria daqueles que “dirigiram” as associações do movimento operário. Os operários com patronímicos imigrantes possuíam quase dez vezes mais chances de serem presidentes das associações operárias do que os que possuíam sobrenome nacional. Seja pela presença numérica, seja pelas posições ocupadas e pela atividade política exercida, é possível dizer que os operários filhos de casamentos mistos (mistura étnica) têm papel importante na formação do movimento operário alegretense, identificando-se com a cultura e identidade internacionalista operária. Os descendentes de imigrantes elaboram a tradução da cultura internacionalista operária e criam o movimento operário alegretense.

## **REFERÊNCIAS**

A DEMOCRACIA. Porto Alegre, 17 de setembro de 1905; Ano I; nº 21.

BARROS, José D’Assunção. **História comparada – um novo modo de ver e fazer a história**. Revista de história comparada. Vol.I, nº 01, jun/2007.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Povoamento e urbanização do Rio Grande do Sul: A fronteira como trajetória**. In: Urbanismo no Rio Grande do Sul. Org. Gunter Weimer. Porto Alegre: Ed. Universidade. UFRGS/Prefeitura Municipal e Porto Alegre, 1992.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. **Textos Anarquista/ Michael Alexandrovich Bakunin**. Seleção e notas Daniel Guerin. Porto Alegre: L&PM, 1999.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e Trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 – 1920)**. Tese. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

Censos do Rio Grande do Sul (183 – 1950): **De província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul**. FEE, Porto Alegre, 1981.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. **Movimento Operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897-1929)**. Dissertação de Mestrado.PUCRS.2010.

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO OPERÁRIA MÚTUA PROTEÇÃO, Alegrete, junho de 1897.

GALLO, Sílvio. **Anarquismo: uma introdução filosófica e política**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

GOLDEMBERG, Maurício; **Alegrete de Ontem**: Edição Comemorativa da Gazeta de Alegrete 111 Anos; 1993; 2ª Edição.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Record., 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. **A estratégia do desterro (situação operária e contradições da política cultural anarquista/Brasil, 1889 – 1922)**. Tese de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciências Sociais, IFCH – UNICAMP, São Paulo, Março de 1980.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital: 1848 – 1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1988.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **As Greves no Rio Grande do Sul (1890-1919)**. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sérgio (org.). RS: Economia e Política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **“Que a união Operária seja a nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações**. Santa Maria: Editora UFSM; Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

# **CAMINHOS DO PAMPA**

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALEGRETE

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e Benito Bisso Schmidt. **O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas.** In: Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

SOCIAL, Alegrete, 02 de abril de 1899; Ano II, nº 09.

SOCIAL. Alegrete, 03 de setembro de 1899, Ano III, nº 17.p.02.

SOCIAL. 7 de setembro. Alegrete, 10 de setembro de 1899.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** V.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.